

histórias da saúde

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 12 • 2012

Psiquiatras e Neurologistas

A influência da Psicocirurgia na fundação das suas associações

Manuel Correia

Manuel Correia, Doutor em História da Cultura. Pós-Doutorando em História da Ciência. Bolseiro de Pós-Doc da FCT. Investigador do CEIS20. E-mail: manuel.correia@uc.pt

Introdução

A invenção da Psicocirurgia, a popularização da leucotomia pré-frontal, o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia que Egas Moniz recebeu em 1949 pelo seu valor terapêutico no tratamento de certas psicoses¹, e todas as controvérsias geradas em torno destas questões continuam a chamar a atenção dos estudiosos.

Por um lado, porque se popularizou uma visão entusiástica que parece detetar uma linha de continuidade entre as primeiras “Tentativas Operatórias” de Egas Moniz e as atuais intervenções de Estimulação Cerebral Profunda², descontando toda a história que rodeia o voluntarismo na interpretação dos resultados, os exageros e os abusos.

Por outro lado, porque a afinação dos instrumentos de análise da história das ciências nos coloca perante um objeto híbrido que consiste na utilização de procedimentos oriundos do campo da neurologia e da neurocirurgia visando objetivos psiquiátricos, ou como Egas Moniz frequentemente sustentou, pondo a neurocirurgia (e a neurologia pressupostamente) ao serviço da psiquiatria³.

As fronteiras entre psiquiatria e neurologia (ou neurociências) esbatem-se e levantam questões que continuam em debate até aos nossos dias. Desde o otimismo neuroessencialista a outras formas de reducionismo anátomo-fisiológico e sintomatológico, a discussão continua, mais atenta do que no passado ao impacto iatrogénico dos tratamentos, pois em muitos casos é de uma (ou mais uma) doença ou condição induzida que se trata, e não da identificação, da cura ou do desaparecimento das suas causas mais profundas.

Não deve ser evidentemente desconsiderada qualquer eventual melhoria da qualidade de vida das pessoas submetidas a tratamento psiquiátrico. É o questionamento crítico e científico que se impõe levando em linha de conta as diferentes perspetivas dos atores envolvidos.

Psiquiatras e Neurologistas

Sendo Portugal o lugar de emergência da Psicocirurgia e tratando-se de refletir acerca da sua influência nas relações entre psiquiatras e neurologistas, ressalta, de imediato um hiato temporal entre as iniciativas portuguesas de carácter associativo e as que foram tomadas pelos seus homólogos de outros países da Europa.

Boa parte das associações psiquiátricas dos países em que a disciplina se começou a autonomizar formou-se a partir de meados do século XIX. A Associação Germânica de Psiquiatria e Psicoterapia foi fundada em 1842, logo seguida do lançamento da AZP

¹ O Prémio foi atribuído *ex aequo* a Egas Moniz e Walter Rudolph Hess. Para mais pormenores ver por exemplo CORREIA, Manuel – *Egas Moniz e o Prémio Nobel*. 1ª Edição. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. 144 p. ISBN 972-8704-95-X.

² RACINE, Eric – *Pragmatic Neuroethics. Improving treatment and understanding of the mind-brain*. 1st Edition. Cambridge: The MIT Press, 2010. 270 p. ISBN 978-0-262-01419-9.

³ Ver MONIZ, Egas – “A cirurgia ao serviço da psiquiatria”. *A Medicina Contemporânea*. Lisboa: JPCM. Ano LIV, N.º 19 (1936) p. 159-160.

(*Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie und Psychisch-gerichtliche Medicin*) em 1844⁴, um ano após o aparecimento dos *Annales Médico-psychologiques*, em Paris⁵.

Procurando uma afirmação estrutural e discursiva assente no ensino universitário, no treino clínico, nas associações profissionais e científicas e nas respetivas publicações, a preocupação em consolidar e desenvolver institucionalmente a ancoragem social da psiquiatria, o movimento prosseguiu igualmente noutros países. A Associação Holandesa de Psiquiatria oficializou-se em 1871, a Associação Italiana de Psiquiatria em 1873 e a Sociedade Suíça de Psiquiatria e Psicoterapia em 1895⁶, para citar apenas alguns exemplos.

Na maioria dos casos, as associações eram formadas quer por psiquiatras quer por neurologistas. À medida que a diferenciação científica e profissional se acentuou, a autonomização foi ocorrendo, assumindo formas diversas quer entre psiquiatras e neurologistas, quer no campo da psiquiatria. Disso são exemplo a criação de sociedades independentes de psiquiatras ou neurologistas, mas também o lançamento de organizações orientadas mais especificamente para a psiquiatria biológica.

Entretanto, as relações entre psiquiatras e neurologistas revestiram formas diversas, numa tensão diferenciadora que levou em muitos casos a uma autonomia acentuada ainda no quadro das próprias associações de origem ou mesmo à separação pura e simples.

O Caso Português

É em meados do século XX que psiquiatras e neurologistas tomam a iniciativa de formar as suas associações em Portugal.

A SPONO (Sociedade Portuguesa de Oto-Neuro-Oftalmologia) foi constituída em Março de 1948. A constelação de especialidades anunciava uma orientação baseada nas contiguidades anatómicas consignadas às especialidades médicas em questão. A figura tutelar adotada, Jean Alexandre Barré (1880-1967) neurologista de renome mundial fora discípulo de um dos mais notáveis neurologistas de França, Joseph Babinski (1857-1932). Barré era ao tempo da fundação da SPONO Professor Catedrático de Neurologia da Universidade de Strasbourg e fundador da *Revue d'Oto-Neuro-Oftalmologie*, órgão da Associação cujo modelo vinha agora ser replicado em Lisboa.

O elogio de Barré, guindado a Presidente de Honra da recém-criada associação, foi feito por António Flores (1883-1957) entretanto eleito Presidente da SPONO. Diogo Furtado (1906-1964) então Diretor do Serviço de Neurologia do Hospital

⁴ Cf. ENGSTROM, Eric J. – *Clinical Psychiatry in Imperial Germany. A history of Psychiatric practice*. 1st Edition. New York: Cornell University Press, 2003. 296 p. ISBN 0-8014-4195-1. p. 36.

⁵ *Annales Médico-Psychologiques*. Journal de l'Anatomie, de la Physiologie et de la Pathologie du Système Nerveux, destiné particulièrement a recueillir tous les documents relatifs à la science des rapports du physique et du moral, à la pathologie mentale, à la médecine légale des aliénés et à la clinique des névroses. Paris: Fortin, Masson et Cie, 1843. Tome Premier.

⁶ Refira-se igualmente que numerosas outras organizações foram formalizadas logo no início do Século XX. Tal foi o caso da Associação Norueguesa de Psiquiatria, fundada em 1907 bem como da Associação Finlandesa de Psiquiatria, em 1913.

de Santo António dos Capuchos, desempenhou um papel muito ativo nesta nova organização⁷.

A nova sociedade editou o seu próprio boletim,⁸ organizou conferências e congressos e manteve uma atividade significativa até por volta de 1960.

Logo a seguir, em 1949, Neurologistas e Psiquiatras elaboraram e aprovaram os Estatutos de uma nova associação denominada SPNP (Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria). António Flores, neurologista, e Almeida Lima (1903-1985) neurocirurgião foram eleitos respetivamente Presidente e Vice-Presidente da direção; Miranda Rodrigues (secretário) e Américo da Assunção (tesoureiro) integraram a mesma lista.

Apesar de António Flores, na primeira fase, acumular a presidência das duas sociedades, — SPONO e SPNP — as diferenças entre elas eram notórias a vários títulos.

Em primeiro lugar, a SPONO colocava a neurologia como disciplina estruturante de uma constelação de especialidades cuja matriz crânio-encefálica deixava entre parêntesis a componente mental e psicopatológica, enquanto a SPNP apostava na convergência das duas grandes especialidades que coabitam no mesmo programa de investigação que teve nascimento no século XVIII e que estabeleceu que a doença mental é uma doença do cérebro⁹.

Em segundo lugar, a escolha da figura tutelar de Barré, discípulo de Joseph Babinski¹⁰, para o ato inaugural da SPONO correspondia também a uma opção que deixava Egas Moniz à margem. Moniz era aproximadamente da mesma idade de Barré e tivera também Babinski por mestre. Tendo em atenção as sucessivas homenagens de que Egas Moniz fora alvo nos últimos anos, a sua ausência de uma iniciativa deste teor não podia deixar de ser notada.

E em terceiro lugar porque aquele que virá a ser um dos maiores ativistas da SPONO durante os primeiros anos da sua existência, Diogo Furtado, discípulo e colaborador de Egas Moniz, não desempenhará qualquer papel de relevo, diversamente do que aconteceu com António Flores, na fundação da SPNP.

Entre a criação da SPONO e da SPNP um novo acontecimento veio marcar o contexto médico, cultural e científico. A atribuição do Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina a Egas Moniz no final de 1949.

⁷ Ver PINTO, Francisco – “As primeiras sociedades neurológicas portuguesas”. *SINAPSE*. Lisboa: SPN. ISSN 1645-281X. Vol. 6, N.º 1 (2006) p. 79-85. Acerca do trabalho de dinamização e instalação de valências neurológicas nos Hospitais Cívicos de Lisboa levado a cabo por Diogo Furtado, ver PINTO, Francisco – “Os primórdios da Neurologia nos Hospitais Cívicos de Lisboa”. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Neurologia*. Lisboa: Companhia dos Riscos. Ano 8, N.º 10 (1997) p. 2-5.

⁸ Existiu o Boletim da Sociedade Portuguesa de Oto-Neuro-Oftalmologia, cujo 6º tomo, com 172 páginas, foi publicado em 1960.

⁹ Ver a este respeito as reflexões de Zbigniew Kotowicz no seu livro *Psychosurgery. The birth of a new scientific paradigm. Egas Moniz and the present day*. 1st edition. Lisbon: Centre for Philosophy of Science of the University of Lisbon, 2012. 216 p. ISBN 978-989-8247-47-6.

¹⁰ Joseph Babinski foi um notável neurologista francês de ascendência polaca. Era um dos discípulos prediletos de Charcot na Salpêtrière e é comumente apontado como um dos fundadores franceses da neurologia. Babinski desempenhou um importante papel na valorização, aceitação e divulgação dos principais trabalhos de Egas Moniz nos meios científicos e editoriais de França.

No caso da SPNP, os respetivos estatutos tinham sido aprovados a 20 de Abril de 1949 mas a sessão inaugural viria a ter lugar apenas em 21 de Janeiro de 1950, quando decorria já a aclamação triunfal do inventor da Angiografia.

Influência de Moniz e da Psicocirurgia

Na circunstância Egas Moniz proferiu a oração inaugural a que deu o título de “Conceitos neurológicos em psiquiatria”, na qual salienta:

A Neurologia e a Psiquiatria são sectores diferenciados da Ciência Médica. Com sorte vária no ensino das Faculdades de Medicina, ora reunidos ora independentes, têm seguido um pouco ao sabor dos mestres e dos orçamentos do ensino. No Congresso Internacional de Neurologia de Berna, o assunto mereceu discussão acalorada, ia dizer apaixonada, entre os que as pretendiam juntas ou separadas. A contenda tomou mesmo um aspecto quase agressivo, em que no fundo se divisava um tal ou qual interesse pessoal. O facto é este: onde as duas disciplinas viveram separadas, notam-se progressos; quando unidas, verificou-se, na maior parte das vezes, o predomínio de uma sobre a outra, falta de tempo para o bom exame dos doentes, boa preparação das lições e execução de trabalhos de vulto.¹¹

Este segundo parágrafo pode introduzir nas leituras de hoje alguma perplexidade. Egas Moniz parece constatar que a separação das duas especialidades é mais favorável aos seus desenvolvimentos do que a sua união, estando sem embargo a elogiar a constituição de uma Associação que as juntava.

Porém Moniz explica mais adiante que em seu entender

As fronteiras destes dois sectores da medicina começam a esbater-se, confundindo-se em parte as duas especialidades, embora guarde cada uma as suas características e métodos próprios de observação e de trabalho.

Introduzindo de imediato uma nota pessoal que leva à Psicocirurgia

Julgo-me um pouco culpado do facto, sem jactância o digo, pois a leucotomia pré-frontal veio jungir as duas actividades científicas no mesmo campo cirúrgico, cuja actividade, se muito tem avançado na Neurologia, hoje nitidamente especialidade médico-cirúrgica, começa também a fazer progressos notáveis na Psiquiatria.¹²

E segue-se a lição de neurologia em que Egas Moniz retoma os conceitos, as explicações e as convicções já conhecidas das suas obras anteriores acerca da leucotomia

¹¹ MONIZ, Egas – “Conceitos neurológicos em Psiquiatria”. *A Medicina Contemporânea*. Ano LXVIII, N.º 2 (1950) p. 43.

¹² MONIZ, Egas – *Ob. Cit.*, p. 44.

pré-frontal. Posto isto, formula a doutrina que deveria a seu ver reger a relação entre Neurologia e Psiquiatria:

A Neurologia e a Psiquiatria têm um campo comum em que os especialistas dos dois lados porfiarão em esmerar-se: o estudo cuidado da histologia do sistema nervoso normal e patológico.

Finalmente dá as indicações “sucessórias”, elogiando António Flores e João Alfredo Lobo Antunes, e apontando as vantagens que teria a existência de um único laboratório para toda a atividade histopatológica do sistema nervoso dos “Serviços Neuropsiquiátricos de Lisboa”.

No ano seguinte, (em 28 de junho de 1951) a SPNP celebra o 25º aniversário da primeira angiografia cerebral prosseguindo o culto naturalizado de Egas Moniz como figura tutelar.

Da autonomização à separação

A SPNP manteve o rumo traçado e, até certo ponto, o pendor “neuropsiquiátrico” dos seus fundadores e a figura tutelar de Egas Moniz permaneceu como referência de primeira grandeza. Em 1971 é discutido um anteprojeto de alteração dos estatutos que viria a entrar em vigor em 1973. Tratava-se da formalização de duas secções separadas de Psiquiatria e Neurologia. Quatro anos depois (1977) é proposta a separação de neurologistas e psiquiatras em organizações independentes¹³. Assim, a Sociedade Portuguesa de Neurologia filia-se na Sociedade das Ciências Médicas em 1979 e elege a sua primeira direção em 1982. O seu primeiro presidente foi um dos discípulos de Egas Moniz: João Alfredo Lobo Antunes que aludimos há pouco.

Também em 1979 é fundada a Sociedade Portuguesa de Psiquiatria que, uma década depois passou a ter a atual designação: SPPSM - Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental.

A tensão científica e profissional entre psiquiatria e neurologia (ou entre psiquiatras e neurologistas) manifestou-se no início dos anos 70, quando foram criadas as duas secções autónomas e, em 1977, por iniciativa de alguns psiquiatras, apartaram-se, a Sociedade Portuguesa de Psiquiatria para um lado, a de Neurologia para o outro.

Os contrastes entre os modelos destas duas Sociedades, eram muito diferentes das estratégias prosseguidas e dos conteúdos tratados pelas originais SPONO e SPNP.

A relação da neurologia com a oftalmologia e a otologia consolida a ideia de um conjunto de especialidades da “mais íntima conexão” destinando-se a consolidar no plano associativo, profissional e científico a vizinhança clínica que os defensores deste

¹³ “A ideia da cisão em sociedades independentes de Neurologia e de Psiquiatria foi defendida pelos psiquiatras, na altura empenhados em integrarem uma sociedade internacional de Psiquiatria de Língua Portuguesa.” PINTO, Francisco – “As primeiras sociedades neurológicas portuguesas”. *SINAPSE*. Vol. 6, N.º 1 (2006) p. 85.

modelo preconizavam. Barré, figura tutelar da SPONO, distinguiu-se exatamente pela observação atenta de sinais associados a anomalias neurológicas.

Na SPNP a Neurologia convivia com a Psiquiatria cuja ponte fora estabelecida por Egas Moniz ao sustentar que a vida psíquica normal ou patológica residia nas sinapses e nas conexões fibrilares, justificando as neurocirurgias destinadas a alterar os estados psicóticos.

Desvio do ponto convergente

Devemos, neste ponto, recuperar a biografia de Egas Moniz para sublinhar que nesses dois anos de 1948 e 1949 em que esteve no centro das atenções no 1º Congresso Internacional de Psicocirurgia e ao ganhar o Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina. Todavia a sua figura, as suas concepções neuropsiquiátricas e o modelo associativo que apoiava foram colocados à margem pela SPONO.

A tese da convergência da Neurologia com a Psiquiatria teorizada entre outros por Barahona Fernandes foi desvalorizada pela maioria dos seus pares. Em nota histórica, Fernandes lamentou o sucedido:

Nasceu então também a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria (sob a égide de Egas Moniz e António Flores, a qual em 1977 decidiu cindir-se esquecendo esta tradição e a exigência integrativa das duas especialidades afins, apesar das suas diferenças (metodológicas, semiológicas e outras)¹⁴.

Apesar de António Flores ter sido igualmente o primeiro presidente da SPONO, Barahona Fernandes omite a existência da Sociedade inspirada por Barré, de que Diogo Furtado foi um dos principais dinamizadores.

A análise da atividade das duas sociedades referidas revela a um tempo a aceitação mais ou menos generalizada da psicocirurgia pela SPNP, a entronização de Egas Moniz, o reforço das posições dos seus seguidores, simpatizantes e aliados. Constitui-se por essa via num apoio para a consolidação e desenvolvimento da psiquiatria biológica e do neuroessencialismo.

A SPONO, enfatizando as especificidades da neurologia, apesar de alguns dos seus membros terem conhecimento direto da leucotomia pré-frontal e seus resultados, acabou por se extinguir cerca de uma década após a sua fundação.

Sintomaticamente a recém-publicada “História da Neurologia em Portugal” dedica o último capítulo a esta problemática da tensão entre especialidades e especialistas. Há uma nota nostálgica no título e nalgumas passagens dos textos que compõem o capítulo de encerramento: “O fim de uma relação ou o desvio da teoria do ponto convergente”¹⁵.

¹⁴ PICHOT, P.; FERNANDES, H. Barahona – *Um Século de Psiquiatria e A Psiquiatria em Portugal*. Lisboa: Roche, 1984. 368 p. p. 298.

¹⁵ MONTEIRO, J. P.; MESQUITA, J. F.; PALMEIRA, M. M. – *História da Neurologia em Portugal*. Tomar: Livro da Minha Vida, 2011. 439 p. ISBN 978-989-97305-0-2. p. 404.

Acolhendo os pontos de vista formulados por Barahona Fernandes e citando-o abundantemente, os autores observam que este psiquiatra

“(...) era um indefetível defensor da teoria do “ponto convergente”, entre a Neurologia e a Psiquiatria, por si definido em 1936, a partir dos resultados das investigações psico-fenomenológicas, e da patologia e fisiologia cerebrais.”¹⁶

Seguem-se várias outras citações de Barahona Fernandes, Egas Moniz, Almeida Lima, Miller Guerra e Alfredo da Rocha Pereira, em torno da teoria do “ponto convergente”, da complexificação e pulverização das especialidades médicas e dos episódios ligados à autonomização e depois à separação que ocorreu no plano associativo.

Este “fim de relação” e “desvio da teoria do ponto convergente” é tratado pelos autores em simultâneo nos planos científico, clínico e associativo, deixando entrever as contradições existentes entre os discursos dos diferentes protagonistas citados. Em todo o caso, a atestar a intensa influência da psicocirurgia e das suas tonalidades heroicas em torno da figura tutelar de Egas Moniz, confirmamos mais dois aspetos históricos que possibilitam colocar de outro modo a narrativa acerca da leucotomia.

Em face da acumulação das dúvidas justificadas que os resultados das leucotomias evidenciavam a médio e a longo prazo, Barahona Fernandes no território psiquiátrico e Almeida Lima no domínio da neurocirurgia moderam a onda de entusiasmo e introduzem algumas reflexões críticas. Como se verá a seguir, porém, o entusiasmo irá ressurgir com a atribuição do Prémio Nobel a Moniz.

Quanto a Barahona Fernandes é conhecida a sua teorização da “sintonia regressiva” que se destinava a constatar a efetiva deterioração da personalidade dos leucotomizados, enquadrando-a voluntariosamente numa espécie de programa de recuperação psicoterápica. Contra uma corrente de opinião que se recusava a identificar efeitos negativos da leucotomia, Barahona Fernandes escreve

“A alteração produzida não é porém o resultado de uma simples soma: “doença + defeito frontal”, nem a mera combinação de “estado psicopatológico anterior + déficit operatório da personalidade”. É um processo dialético muito mais complexo que se entende melhor no ângulo dinâmico-estrutural evolutivo. As alterações da personalidade exprimem em parte um retorno a fases anteriores do desenvolvimento (juvenis ou mesmo infantis): são regressivas (...). O conjunto das modificações da rectibilidade do indivíduo podem ser vistas como um processo de sintonização com o ambiente — de certo modo o invés do que se opera no desenvolvimento normal da “sintonização” infantil transformando-se na adolescência com os seus típicos traços “esquizotímicos”. Daí a interpretação proposta pelo A. de “sintonização regressiva”¹⁷.

¹⁶ *Idem, Ibidem.*

¹⁷ FERNANDES, Barahona J. H. – *Egas Moniz: pioneiro dos descobrimentos médicos*. 1ª Edição. Lisboa: ICLP, 1983. 176 p. p. 95

Assim, segundo Barahona Fernandes, a lesão frontal induzida pela leucotomia era de fato danosa mas supostamente em prole de um bem maior a conseguir mediante um aturado programa de resintonização. Esta procura obstinada de saídas e de sentidos para o quadro pós-operatório inverte até certo ponto o lema que Moniz apresentara. Parece estar-se aqui perante um colossal esforço teórico da Psiquiatria ao serviço da Psicocirurgia e não o oposto (a cirurgia ao serviço da psiquiatria).

Quanto a Almeida Lima, respiguemos uma passagem eloquente das suas reflexões acerca do método operatório primitivo:

“São essencialmente operações “cegas” inteiramente dependentes da topografia crânio-encefálica. Sendo tão incertas, perante a segurança de localização que deveria ter o corte cerebral, as relações entre o crânio e o cérebro, não admira que se tenha verificado a inconstância da extensão e topografia das lesões provocadas pelo cirurgião no lobo frontal. A relação entre a operação realizada e os resultados obtidos é viciada por este defeito técnico fundamental. E não é de estranhar que se obtenham resultados diferentes de caso para caso, antes é de mais difícil explicação a relativa uniformidade que tem sido registada. O corte fora da visão directa de formações anatómicas tão delicadas e tão abundantemente vascularizadas, pode provocar hemorragias irremediáveis e tem como consequência, além da variabilidade da incisão, um risco operatório que é necessário evitar. Compreende-se neste grupo o método primitivo do Professor Egas Moniz, a intervenção de Freeman e Watts, a leucotomia transorbital de Freeman e a operação que já aqui descrevemos com a designação de leucotomia por via superior, além de muitas outras variantes destes métodos fundamentais. Em minha opinião todos devem ser abandonados.”¹⁸

Insuspeito observador, especialista e ator principal da série de neurocirurgias cujo método continuaria ainda a ser usado um pouco por todo o mundo, a sua grandeza intelectual e a sua elevação crítica levaram-no a esta postura de uma clareza meridiana.

Também conceptualmente Almeida Lima viria a distanciar-se do primarismo psicocirúrgico, delimitando o verificável e o inverificável no seu campo de atuação, numa postura admirável para quem fora colocado a par de Egas Moniz na fundação da Psicocirurgia¹⁹.

O leque de razões que expõe para a necessidade de abandonar o método primitivo não têm que ver diretamente com o que pensaria em relação à conceptualização da Psicocirurgia. Invoca motivos técnicos, processuais, neurológicos e, antes de tudo o mais, neurocirúrgicos. Perante a infinitésima dimensão de um neurónio, o neurocirurgião distanciou-se o suficiente para que a sua sabedoria atuasse, ainda que daí pudesse decorrer uma crítica evidente ao seu próprio trabalho. Quando hoje entendemos as

¹⁸ LIMA, Almeida – “A técnica cirúrgica da leucotomia cerebral (1)”. *A Medicina Contemporânea*. Lisboa. Ano LXVII, N.º 7 (1949) p. 267-271. p. 270.

¹⁹ Ver a este respeito CORREIA, Manuel – *Egas Moniz: Representação, Saber e Poder*. [Em linha]. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011. p. 260-261. [Consult. 15 de Março de 2012]. Disponível em WWW: <URL: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/15509>>. Tese de Doutoramento.

críticas contra o neuroessencialismo que passa em claro sobre o fato de um *voxel*²⁰ — que é um cubo virtual que representa a mais pequena unidade de um ponto do córtex visível ao fMRI²¹ — poder incluir centenas de milhares de neurónios, percebemos que o pioneiro da neurocirurgia se deveria sentir constrangido e vitimado pelo seus próprios conhecimentos e reflexões. Pensou com certeza nas implicações que poderia ter esta sua avaliação e tê-las decidido publicar dá nota de uma determinação superior.

Porém, no final desse mesmo ano, anunciava-se em Estocolmo que Egas Moniz iria ser um dos premiados com o Nobel da Medicina ou Fisiologia e que tal se ficara a dever ao valor terapêutico da leucotomia no tratamento de certas psicoses. O avaliador que recomendou Egas Moniz para o prémio desse ano, Herbert Olivecrona era-lhe bem conhecido. Um neurocirurgião como ele. Visitara-o no Instituto Karolinska, em Estocolmo, e recebera-o várias vezes em Lisboa. Como poderia um método que ele próprio, Almeida Lima, considerava obsoleto, inapropriado para o grau de precisão e perícia que a neurocirurgia se passara a impor, beneficiar de um galardão científico naqueles termos?

A verdade é que a vaga de regozijo e congratulação submergiu por algum tempo quase todas as críticas e, mais do que isso, desencorajou a postura crítica.

Ao relermos a literatura corrente e outra documentação da época damo-nos conta de que não era cómodo nem fácil discutir livremente os aspetos positivos e negativos de qualquer coisa que pudesse por em causa alguém já bem instalado em trono ou cátedra. No entanto, deparamo-nos com numerosos exemplos de gentes que apesar das dificuldades e dos incómodos exerciam sempre ou sempre que possível essa liberdade.

O primeiro Nobel português reveste-se também dessa estranha pulsão contraditória. Premiou um cientista e fez desacelerar a crítica de que não só a ciência mas toda a obra humana necessita para melhorar, recompor-se e sobreviver à obsolescência.

E foi também desse modo incerto e contraditório que a Psicocirurgia e um dos seus inventores exerceram uma influência determinante na formação das primeiras associações portuguesas de neurologistas e psiquiatras.

A tensão entre psiquiatria e neurologia, ou entre a psiquiatria e as neurociências, os consensos bloqueadores do desenvolvimento e as divergências tímidas e geradoras de controvérsia, então como hoje, encerram lições e informação tão importantes que seria uma pena e um desperdício fazer de conta que não existiram.

²⁰ Voxel: mais pequena unidade na reconstrução da tomografia computadorizada representada como um pixel num ecrã de vídeo.

²¹ fMRI: Abreviação para a técnica de visualização do córtex cerebral chamada Funcional Magnetic Resonance Imaging (Ressonância Magnética de Imagem Funcional) que permite visualizar parte do afluxo sanguíneo às zonas em maior atividade.

Bibliografia

- CORREIA, Manuel – *Egas Moniz e o Prémio Nobel*. 1ª Edição. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. 144 p. ISBN 972-8704-95-X.
- CORREIA, Manuel – *Egas Moniz: Representação, Saber e Poder*. [Em linha]. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011, p. 260-261. [Consult. 15 de Março de 2012]. Disponível em WWW: <URL: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/15509>>. Tese de Doutoramento.
- ENGSTROM, Eric J. – *Clinical Psychiatry in Imperial Germany. A history of Psychiatric practice*. 1st Edition. New York: Cornell University Press, 2003. 296 p. ISBN 0-8014-4195-1.
- FERNANDES, Barahona J. H. – *Egas Moniz: pioneiro dos descobrimentos médicos*. 1ª Edição. Lisboa: ICLP, 1983. 176 p.
- KOTOWICZ, Zbigniew – *Psychosurgery. The birth of a new scientific paradigm. Egas Moniz and the present day*. 1st edition. Lisbon: Centre for Philosophy of Science of the University of Lisbon, 2012. 216 p. ISBN 978-989-8247-47-6.
- MONIZ, Egas – “A cirurgia ao serviço da psiquiatria”. *A Medicina Contemporânea*. Lisboa: JPCM. Ano LIV, N.º 19 (1936) p. 159-160.
- MONIZ, Egas – “Conceitos neurológicos em Psiquiatria”. *A Medicina Contemporânea*. Ano LXVIII, N.º 2 (1950) p. 41-57.
- MONTEIRO, J. P.; MESQUITA, J. F.; PALMEIRA, M. M. – *História da Neurologia em Portugal*. Tomar: Livro da Minha Vida, 2011. 439 p. ISBN 978-989-97305-0-2.
- PINTO, Francisco – “Os primórdios da Neurologia nos Hospitais Cívicos de Lisboa”. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Neurologia*. Lisboa: Companhia dos Riscos. Ano 8, N.º 10 (1997) p. 2-5.
- PINTO, Francisco – “As primeiras sociedades neurológicas portuguesas”. *SINAPSE*. Lisboa: SPN. ISSN 1645-281X. Vol. 6, N.º 1 (2006) p. 79-85.
- RACINE, Eric – *Pragmatic Neuroethics. Improving treatment and understanding of the mind-brain*. 1st Edition. Cambridge: The MIT Press, 2010. 270 p. ISBN 978-0-262-01419-9.